



UFRJ

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Centro de Letras e Artes - Faculdade de Letras

Departamento de Letras Neolatinas

Aline Veríssimo da Silva

TRANSFERÊNCIA DA LÍNGUA MATERNA PARA A ESTRANGEIRA

uma análise da consoante lateral em coda na Língua Italiana

Monografia apresentada ao curso  
de Letras da Universidade  
Federal do Rio de Janeiro como  
requisito final para conclusão da  
graduação, sob orientação do  
Prof. Dr. Marcelo Alexandre  
Lopes de Melo.

Rio de Janeiro

2024

*Perché da lui, per mezzo di lui e per lui sono tutte le cose. A lui sia la gloria in eterno. Amen.*

Romani 11:36

## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO .....	4
INTRODUÇÃO .....	6
1. ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO LINGUÍSTICO .....	8
2. A LATERAL EM CODA.....	12
2.1 A lateral no PB.....	12
2.2 A lateral em coda no italiano.....	13
2.3 Contato entre o PB e o Italiano .....	14
3. METODOLOGIA .....	16
3.1 Participantes .....	17
3.2 Design do experimento .....	17
4. ANÁLISES .....	21
4.1 Sentenças do PB.....	21
4.2 Sentenças do Italiano .....	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	24
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	25

## APRESENTAÇÃO

Ao longo de toda a minha vida, sempre soube o que queria fazer: impactar pessoas através da educação. Desde muito nova, sempre ouvi que tinha espírito de liderança e que, certamente, me tornaria uma professora. Nunca relutei, porque era exatamente o que eu queria ser. O primeiro passo, em termos práticos, foi ingressar na universidade dos meus sonhos: a Universidade Federal do Rio de Janeiro. Sabia que muitos desafios viriam e que eu cresceria muito com cada um deles. E assim o fiz.

Tive a oportunidade de fazer amizades incríveis e de conhecer profissionais extraordinariamente geniais. E eu aprendi. Muito. As experiências que a UFRJ me proporcionou foram verdadeiros presentes e eu sempre serei grata por isso. Boa parte de quem sou hoje foi moldada naqueles corredores e blocos da minha tão sonhada Federal.

Profissionalmente falando, também foi muito enriquecedor. Tive a oportunidade de ingressar no CLAC ainda no meu terceiro período e me apaixonei completamente por aquilo que eu fazia. Consegui me tornar monitora-chefe do setor de italiano e isso me fez crescer de uma maneira que jamais conseguiria expressar. Além disso, fiz o estágio obrigatório que me fez ter contato com uma escola em Irajá que, surpreendentemente, oferecia aulas de língua e cultura italianas. Quando descobri que um idioma não tão acessível estava sendo ensinado de forma tão bonita num bairro tão próximo do meu, fiquei genuinamente feliz. Especialmente porque eu também passei a fazer parte daquilo. Estar em contato com aqueles adolescentes e ver a paixão deles pela língua italiana me fez amar ainda mais esse idioma que significa tanto para mim e me fez ter um olhar de maior análise com relação a isso.

A partir dessa experiência, comecei a refletir sobre como poderia pesquisar e falar sobre o italiano e o português, fazendo com que os dois fossem protagonistas. Assim, nasceu a ideia de analisar possíveis transferências da minha língua nativa para a estrangeira. Consegui me reunir com o professor Marcelo Melo e, juntos, começamos a pensar em como isso poderia se desenvolver.

Foi incrível poder reunir estudantes de diferentes níveis de proficiência em italiano, especialmente porque muitos eram meus alunos. Fiquei muito feliz pela oportunidade de colocar a conversa em dia, explicar minha pesquisa e ver o desenvolvimento de cada um. Acredito que essa tenha sido uma excelente forma de concluir todo o processo da minha formação.

Concluo, então, estando bem feliz. Não apenas por estar concluindo, mas por fazer isso tendo em mente que aquele sonho que cultivei ao longo de toda a minha vida permanece de pé: a educação continua impactando e eu faço parte disso.

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar um estudo referente ao fenômeno de transferência de características sonoras da língua materna (L1) para a língua estrangeira (L2), no que diz respeito à realização da consoante lateral em posição de coda por falantes nativos do português brasileiro (PB) que estão aprendendo italiano.

A semivocalização é o processo fonológico através do qual uma consoante é transformada em semivogal, especialmente quando ocupa a posição de coda silábica. A realização semivocalizada no Português Brasileiro (PB) é uma mudança implementada em quase todas as variedades, através da análise de realização da consoante lateral em posição de coda por falantes nativos do português brasileiro (PB) que estão aprendendo italiano como L2 e com base nos pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1972,1994), a presente pesquisa visa a apresentar o estudo realizado acerca da transferência de língua materna (português brasileiro) para a língua estrangeira (italiano).

No português brasileiro, o processo de vocalização da lateral em coda encontra-se em estágio bastante avançado em diversas variedades do PB, sobretudo no Rio de Janeiro, quer em coda externa ou interna (LEITE, CALLOU e MORAES, 2007). Já no italiano padrão, pelo contrário, a realização da lateral alveolar em coda se mantém (BLADON e CARBONARO, 1978). A partir de dados coletados junto a falantes nativos do PB (L1) aprendizes do italiano (L2), com diferentes níveis de proficiência e pertencentes a diferentes grupos sociais, pretende-se estabelecer uma comparação entre as produções desses aprendizes e de falantes nativos do italiano. O suporte teórico para análise dos dados conjuga os pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista, no que diz respeito à definição do conhecimento linguístico estruturado a partir de uma heterogeneidade ordenada, bem como da relação entre língua e sociedade, além dos pressupostos dos Modelos Baseados no Uso, no que diz respeito à relação entre conhecimento abstraído e uso, à organização do conhecimento linguístico do falante e status da variação na gramática (CRISTÓFARO e GOMES, 2020).

A hipótese é a de que os aprendizes de italiano reproduzam o padrão esperado para o PB, isto é, que haja transferência de L1 para L2, com a vocalização da lateral em coda. No entanto, espera-se também que, a depender do nível de proficiência e exposição à L2, haja um aumento de realização da lateral em coda, sendo possível observar ainda a influência de diferenças sociais entre os aprendizes.

Esta monografia está organizada da seguinte forma: além desta breve introdução, no primeiro capítulo, serão apresentados os pressupostos teóricos que embasam a presente pesquisa; no capítulo seguinte, serão trazidos estudos que tratam da lateral em posição de coda tanto no português brasileiro quanto no italiano; no terceiro capítulo, será exposta a metodologia empregada para a realização do experimento de produção; em seguida, no quarto capítulo, serão apresentados os resultados preliminares da pesquisa; por fim, serão apresentadas as considerações finais da pesquisa.

# 1. ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO LINGUÍSTICO

Ao longo da história, muitos estudos foram realizados e desenvolvidos com o intuito de proporcionar maior entendimento acerca do conhecimento linguístico. Apesar de os estudos sobre a linguagem sempre terem despertado o interesse de filósofos, historiadores e pesquisadores de outras áreas, a Linguística só foi adquirir *status* de ciência a partir do século XX, com a publicação do Curso de Linguística Geral (marco inicial da chamada linguística moderna), obra póstuma do linguista suíço Ferdinand de Saussure (Cunha, Costa e Martelotta, 2011, p. 22). A teoria de Saussure se fundamentava em determinadas dicotomias: *langue* (o sistema que contém todas as estruturas e os princípios que regem essas estruturas) e *parole* (a própria fala, isto é, a forma como colocamos o sistema abstrato em prática). A partir disso, é possível ver que, para Saussure, o objeto de estudo da linguística deveria ser a própria língua, compreendida como o sistema abstrato. Isto porque, para Saussure, devido a seu caráter assistemático e heterogêneo, a *parole* não seria passível de ser estudada. Essa concepção de língua se consolidou nos estudos linguísticos ao longo da primeira metade do século XX, estabelecendo uma tradição de que a língua é um sistema abstrato, homogêneo e autônomo.

No final da década de 1950, essa tradição ganha novos contornos com o advento do Gerativismo. Fundada por Noam Chomsky, essa nova teoria assume que a língua é um sistema de princípios universais, a qual passa a ser vista como um conhecimento mental que o falante tem de sua própria língua. Para o Gerativismo, esse conhecimento é herdado biologicamente. Chomsky assume a dicotomia proposta por Saussure, contrapondo, de um lado, a competência (sistema abstrato) e, de outro, o desempenho (fala, uso do sistema abstrato). Assim, o conhecimento internalizado que o falante tem da sua própria língua e o uso que o falante faz da língua seguem em oposição.

No entanto, para outros linguistas, a experiência e diversos outros fatores externos deveriam – e precisavam – ser levados em consideração para que fosse possível obter uma ampla compreensão acerca do conhecimento linguístico de cada falante. Assim, como uma espécie de reação às duas correntes principais mencionadas anteriormente, surge, na década de 1960, nos Estados Unidos, a Sociolinguística Variacionista ou Teoria da Variação e Mudança (TVM). Proposta por Weinreich, Labov e Herzog, a TVM busca, portanto, evidenciar o fato de que a língua é um sistema organizado e que, para além disso, permite incorporar variação. Coelho et al (2015) traz à luz a ideia de que as pessoas se comunicam com facilidade e que essa língua falada é, em muitos momentos, o maior e melhor instrumento que elas têm para se



entender. No entanto, os autores ressaltam o fato de que cada fala apresenta um conjunto de características que são condicionadas pela origem, idade, escolaridade e diversos outros fatores. Isto é, a fala de cada um pode se apresentar de diferentes maneiras.

Vemos, portanto, que, ao falarmos de língua, falamos – inevitavelmente – de variação e, a partir dessa ótica, a Sociolinguística Variacionista busca desenvolver suas ideias. Para a TVM, a variação não é aleatória ou acidental, mas sim sistemática e previsível tanto do ponto de vista estrutural quanto social. Da mesma forma, a mudança linguística é um processo gradual que envolve a competição entre formas variáveis. A estabilidade do sistema dotado de variação reside no fato de o próprio sistema comportar estruturas categóricas e variáveis. Nesse sentido, Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) argumentam que "a mudança linguística é um processo contínuo e um subproduto inevitável da interação linguística". Os autores rompem, assim, com as dicotomias entre 'indivíduo e sociedade', 'sincronia e diacronia', 'homogeneidade e heterogeneidade', sugerindo que "uma explicação plausível para a mudança dependerá da capacidade de descrever a diferenciação ordenada dentro da língua" (p. 87-88).

Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) propõe ainda cinco problemas que devem ser observados pelos pesquisadores para o estudo da mudança linguística:

- a) o problema dos fatores condicionantes, segundo o qual uma mudança linguística deve ser condicionada por fatores tanto linguísticos como sociais;
- b) o problema do encaixamento, segundo o qual toda mudança linguística é encaixada tanto no sistema linguístico quanto no sistema social;
- c) o problema da transição, segundo o qual, nos processos de mudança, é sempre possível observar diferentes estágios em que se observam mudanças intermediárias;
- d) o problema da avaliação, segundo o qual além de determinar diretamente “o nível de consciência social”, “toda teoria da mudança linguística deve estabelecer empiricamente os correlatos subjetivos dos diversos estratos e variáveis numa estrutura heterogênea” (p. 124);
- e) o problema da implementação, segundo o qual se faz necessário expor as razões pelas quais as mudanças ocorrem em uma determinada língua em uma determinada época.

Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p. 126) destacaram a importância das contribuições da linguística teórica para o entendimento da variação e mudança linguística.

Nesse contexto, a forma como os Modelos Baseados no Uso (MBU) tratam a variabilidade observada na fala pode oferecer novas perspectivas para compreender a natureza do conhecimento linguístico dos falantes. Isto porque, embora concebam o sistema linguístico como dotado de heterogeneidade ordenada – ou seja, inerentemente variável –, os estudos variacionistas, nas últimas décadas, adotaram um modelo de conhecimento linguístico que considera a gramática como formada por um núcleo invariável, a partir do qual as formas variáveis são geradas. Cristófaros-Silva e Gomes (2024, p. 32) levantam uma questão crucial para a adoção deste modelo pelos estudos sociolinguísticos: como uma gramática com um núcleo invariante pode acomodar a variação? Além disso, essa visão de uma gramática com um núcleo invariante sugere que a variação é o resultado da aplicação de uma regra variável sobre uma forma única, isto é, a variação é vista como um processo derivado. Pierrehumbert (1994) argumenta que, devido ao papel central da variação no conhecimento linguístico do falante, ela não pode ser explicada apenas por processos fonológicos.

Assim, diferentemente do que propõem os modelos formais para a organização do conhecimento linguístico, para os Modelos Baseados no Uso, a variação tem *status* representacional, isto é, todas as formas variantes de determinado item lexical se encontram estocadas no léxico mental do falante. A partir disso, compreende-se que a variação é parte integrante do conhecimento linguístico e que a representação sonora no léxico mental de cada falante vai ser organizada de acordo com a experiência pessoal de cada um com o uso da língua, tendo em vista as produções e percepções que serão realizadas nos diferentes contextos de comunicação. No que se refere à própria organização do léxico mental, este se constitui em uma rede de conexões estabelecida por meio de similaridades fonéticas e semântica das formas sonoras que compõem os itens lexicais.

Além de a variação ter *status* representacional e assumir que a representação dos itens lexicais incorpora todas as possibilidades fonéticas percebidas e usadas pelos falantes, os MBU concebem as representações como detalhadas e constituídas por informações de diferentes naturezas: sejam elas linguísticas ou sociais. Segundo Cristófaros-Silva e Gomes (2020, p. 19),

- As representações detalhadas incluem diferentes informações:
- a. neurofisiológicas, relacionadas com propriedades articulatórias dos sons linguísticos, que por sua vez apresentam variabilidade em função do ambiente fonético e prosódico em que se encontram;
  - b. acústicas, relativas à duração e formantes dos sons linguísticos e aspectos da voz humana, como intensidade, pitch, entre outros;

c. da indexação social relacionada ao detalhe fonético, isto é, relativa à associação entre detalhe fonético e características sociais dos falantes como sexo, idade, pertencimento a um grupo social, etnia entre outros.

Importante mencionar ainda que, para os MBU, as representações emergem das instâncias de uso, configurando um modelo de conhecimento fonológico em que informações fonéticas finas e unidades abstratas estão, verdadeiramente, integradas.

Essa perspectiva não defende a ideia de que as representações no léxico sejam discretas e invariantes, contendo apenas informação distintiva. Nos MBU, as representações são discretas e empíricas, contendo e considerando o detalhe fonético na fala. Sob essa ótica, vemos que o ser humano, com seus aspectos cognitivos inatos, é exposto a diferentes e diversos estímulos dentro de sua língua e, assim, desenvolve como resultado o seu conhecimento linguístico; ou seja, a experiência linguística é parte fundamental nesse processo.

Sendo assim, pode-se dizer que os MBU conseguem proporcionar melhor compreensão acerca da relação entre aquilo que, efetivamente, se encontra na fala e as representações abstratas da forma sonora das palavras no léxico mental de cada falante. Em outros termos, a modelagem da organização sonora das línguas sob a perspectiva dos Modelos de Exemplos promove grandes avanços no que diz respeito ao entendimento da organização e desenvolvimento do conhecimento linguístico de cada falante e é, ainda, grande ferramenta nas investigações experimentais acerca da fala com a teoria fonológica.

## 2. A LATERAL EM CODA

O objetivo do presente estudo é analisar como falantes nativos do português brasileiro (PB) e que são aprendizes do italiano realizam a lateral em coda silábica. Por meio desta análise, pretende-se observar como se dá o processo de transferência de uma língua para outra, tomando por base um segmento sonoro. Assim, neste capítulo, será apresentada uma revisão bibliográfica sobre a lateral em coda no italiano e no português brasileiro (PB).

Ashby (2011) descreve as laterais como “sons da fala em cuja articulação a parte frontal da língua eleva-se, interpondo-se no centro na cavidade oral e levando a corrente de ar egressiva a escapar por um ou pelos dois lados da língua”. De maneira semelhante, Cristófaros-Silva (2013, p. 34) descreve as laterais da seguinte maneira: "o articulador ativo toca o articulador passivo e a corrente de ar é obstruída na linha central do trato vocal. O ar será então expelido por ambos os lados desta obstrução tendo, portanto, saída lateral". Assim, conforme Marchal e Reis (2012, p. 175), na produção de uma consoante lateral, "embora haja uma obstrução central, o ar escapa pela borda da língua". As consoantes laterais integram uma classe de sons chamada de *líquidas*, termo herdado dos gramáticos da antiguidade e que abrange, além das laterais, as vibrantes (Callou e Leite, 1994, p. 26). Nas seções seguintes, será apresentada uma breve descrição das laterais no PB e no italiano, a fim de identificar aspectos linguísticos e extralinguísticos que possam condicionar a realização das variáveis observadas no presente estudo.

### 2.1 A lateral no PB

No PB, a lateral alveolar [l] pode ser articulada em ataque silábico (onset) com qualquer uma das doze vogais (orais e nasais), como nos primeiros sons das palavras *laranja*, *leito*, *litro*, *lodo*, *lugar*, *lâmpada*, *lenço*, *limpo*, *lombada* e *lungribe*. Além da lateral alveolar, a lateral pode ser realizada no PB como uma palatal [ʎ], como em *palha*. Marchal e Reis (2012, p. 175) advertem que,

assim como acontece com a nasal palatal, [ɲ], também a lateral palatal possui variantes: uma alveolar palatalizada, que corresponde a uma produção lâmino-pós- alveolar (ex.: [ˈfɪʎa]), uma aproximante palatal (ex.: [ˈfijɐ] (filha)), a lateral ápico- alveolar (ex.: [muˈlɛ]), além da lateral palatal, no sentido culto ou formal (ex.: [muˈʎɛ] (*mulher*)).

Marchal e Reis (2012, p. 175) observam ainda que, em dialetos do sul do Brasil, uma lateral velarizada [ɫ] pode ser realizada em posição de coda: [suɫˈ] (*sul*). Cristófaros-Silva (2013,

p. 36) também assume que uma lateral velarizada pode ser realizada no PB, mas seu "contexto de ocorrência depende da estrutura silábica: posição final de sílaba".

No entanto, na maioria das regiões do Brasil, palavras grafadas com a letra <l> em final de sílaba são produzidas com uma semivogal: [ã'zɔɹ] *anzol*, [si'viɹ] *civil*, ['saɹtɔ] *salto*, ['paɹkɔ] *palco*, [saɹ'gadu] *salgado*. Esse processo de semivocalização é amplamente descrito no PB:

Daí decorre uma mutação, que em linguística diacrônica se chama a 'vocalização' da consoante: cessa a elevação da ponta da língua junto aos dentes, a elevação posterior do dorso da língua não chega a interromper a corrente de ar e há um concomitante leve arredondamento dos lábios. (Câmara Jr., 1977, p. 41)

Sobre o processo de vocalização da lateral em coda, Batistti & Moraes (2017) comentam:

Na vocalização da lateral, portanto, as manifestações fonéticas são desencadeadas por restrições linguísticas ou estruturais. Já a difusão do processo no português brasileiro e os diferentes padrões de variação relacionam-se a aspectos sociais peculiares às comunidades de fala. (p. 93)

O processo de vocalização da coda pode ser compreendido como um processo de mudança já totalmente implementado nas variedades em que a semivogal é observada. Isto porque, dificilmente um falante nativo dessas variedades do PB produziria uma lateral em coda.

## 2.2 A lateral em coda no italiano

Segundo a *Enciclopedia Italiana di Scienze, Lettere ed Arti*, publicada e desenvolvida pelo Instituto Giovanni *Treccani*, existem duas possibilidades de realização da lateral na língua italiana:

consoante articulada, aderindo a parte da frente da língua à parte da frente do palato e transmitindo o ar às aberturas que permanecem entre as bordas laterais da língua e as fileiras laterais dos dentes do arco superior; o italiano tem duas consoantes deste tipo: alveolar l e palatal gl(i) <l'> (tradução nossa).<sup>1</sup>

Temos ainda a definição compartilhada pelo jornal italiano *Corriere della Sera* que, em bases teóricas disponíveis em suas plataformas, diz: "Som articulado

---

<sup>1</sup> Texto Original: consonante articolata facendo aderire la parte anteriore della lingua nella zona anteriore del palato e convogliando l'aria verso le aperture rimaste tra i bordi laterali della lingua e le file laterali dei denti dell'arcata superiore; l'italiano possiede due consonanti di questo tipo: l'alveolare l e la palatale gl(i) <l'>.

obstruindo o canal oral com a ponta ou a parte de trás da língua, que levanta simultaneamente um ou ambos os lados e faz o ar passar (em italiano, temos: *l* e *gl*)”.

Em outras palavras, vemos que, no italiano, existem duas possibilidades de realização da consoante lateral, mas que o processo de semivocalização, conforme ocorre no PB, não é uma delas. Portanto, embora, haja no PB e no italiano palavras que são ortograficamente escritas com a letra <l> em final de sílaba, as produções ocorrem de formas diferentes ao compararmos essas duas línguas neolatinas: na maioria das variedades do PB – como é o caso da variedade carioca –, uma semivogal é produzida; já no italiano, será produzida uma lateral alveolar.

Isso ocorre porque, conforme dito no final da seção anterior, no português brasileiro, o processo de vocalização da lateral em coda encontra-se em estágio bastante avançado em diversas variedades do PB, sobretudo no Rio de Janeiro, quer em coda externa ou interna (Leite, Callou e Moraes, 2007). No entanto, no italiano padrão, pelo contrário, a realização da lateral alveolar em coda se mantém (Blando e Carbonaro, 1978).

### **2.3 Contato entre o PB e o Italiano**

Azambuja (2017) analisa a vocalização da lateral em posição de coda na região de Antônio Prado (RS). O interessante é o fato de que essa é uma cidade de colonização italiana; o que nos deixa com o seguinte questionamento: se, diferentemente do italiano, um processo de mudança já implementado em muitas variedades do PB fez com que a lateral em coda passasse a uma semivogal, como será a realização deste segmento em um local brasileiro que teve influência direta dos italianos?

Em suas considerações finais, a autora diz:

Os resultados obtidos em relação às variáveis sociais demonstraram um maior indício à semivocalização pelos falantes mais jovens com idades entre 15 e 30 anos e das faixas intermediárias com idades entre 31 e 50 anos. Para os jovens de 15 a 30 anos, foram constatados 215 ocorrências, dos 399 contextos, totalizando 54% de aplicação. Para os falantes com idades entre 31 e 50 anos, os resultados apontaram para 87 ocorrências dos 110 contextos, resultando em 79 % de aplicação de semivocalização. (p. 97 - 98)

Os resultados apontam que, mesmo sob influência direta, durante o processo de colonização, de uma língua que produz a lateral alveolar em coda, os falantes daquela região apresentam percentuais bastante expressivos de realização da semivogal, especialmente, entre os falantes mais jovens, sobretudo os da faixa etária que devem fazer parte do mercado de trabalho (31 a 50 anos).

O ponto interessante a ser observado, quando comparamos essas duas línguas, é o fato de que a lateral constitui a representação dos itens que são ortograficamente escritos com um <l>. Em outras palavras, a lateral ocupa a representação abstrata da coda em palavras como *calcio* (futebol) e *soldi* (dinheiro). Já no PB, a lateral parece não fazer mais parte da representação abstrata de palavras que ainda mantêm um <l> em coda na escrita: *anzol*, *civil*, *palco* e *salgado*. Assim, em muitas variedades do PB, a semivogal constitui a representação central destes itens. Assim, partindo das hipóteses dos MBU de que a experiência afeta as representações abstratas dos falantes, espera-se que falantes do português (L1) aprendizes de italiano (L2) podem, a depender do nível de exposição à L2, reproduzir estruturas já bastante robustas no sistema de sua língua (L1). Como a semivogal constitui a representação central em segmentos que ocupam o mesmo lugar na sílaba que a lateral ocupa no italiano, é esperado que aprendizes de italiano reproduzam a semivogal em contexto que, em italiano, figure uma lateral. Dito de outra forma, falantes do PB aprendizes de italiano, que tenham pouca exposição à L2 e/ou que estejam em níveis mais básicos de aprendizagem, tenderiam a produzir palavras como *calciatore* (jogador de futebol) com a semivogal, ao invés de produzir, como esperado em italiano, com a lateral.

### 3. METODOLOGIA

Neste capítulo, iremos expor qual foi a metodologia adotada para que fosse possível analisar se há, de fato, transferência da língua materna para a língua estrangeira. Vimos, nos capítulos anteriores, que, de acordo com os estudos realizados até o presente momento, a consoante lateral em posição de coda no PB dá lugar à vocoide, apresentando o fenômeno da semivocalização; enquanto que, no italiano, isso não ocorre.

A partir desse cenário, temos alguns questionamentos: o que aconteceria se um brasileiro precisasse produzir essa lateral em coda na Língua Italiana? Ele produziria exatamente como o sistema sonoro italiano prevê ou haveria uma transferência de um sistema para o outro, de forma a acomodar as diferenças? E ainda: os resultados encontrados seriam diferentes a depender do nível em que o falante brasileiro se encontra no seu processo de aprendizagem do italiano como segunda língua (L2)?

Na obra intitulada *Phonological Awareness and Pronunciation in a Second Language*, Hanna Kivistö-de Souza (2015) traz à luz a ideia de que: "devido à falta geral de estudos sobre a consciência fonológica da L2 e aos estudos existentes sobre ela com foco em suas manifestações explícitas, pesquisas sobre o aspecto proceduralizado da consciência fonológica da L2 são necessárias" (p. 3). Vemos, portanto, que, embora seja muito comum encontrarmos pessoas bilíngues ou até políglotas na sociedade — sobretudo no âmbito acadêmico —, há uma lacuna no que diz respeito aos estágios de desenvolvimento de consciência acerca dessas línguas que são aprendidas como L2. Portanto, ao realizarmos estudos e experimentos dentro desse campo, abrimos o leque a nível de conhecimento e trazemos à luz questões importantes sobre o uso e o aprendizado de L2.

Com o intuito de responder a esses questionamentos e, justamente, entender melhor como o processo funciona, elaboramos o experimento de produção, a partir de dados coletados junto a falantes nativos do PB (L1) aprendizes do italiano (L2), com diferentes níveis de proficiência e pertencentes a diferentes grupos sociais.

A hipótese é a de que os aprendizes de italiano reproduziriam o padrão esperado para o PB, isto é, que há transferência de L1 para L2, com a vocalização da lateral em coda. No entanto, espera-se também que, a depender do nível de proficiência e exposição à L2, haja um aumento de realização da lateral em coda, sendo possível observar ainda a influência de diferenças sociais entre os aprendizes. Para tanto, vejamos como funcionou o experimento em questão.



### 3.1 Participantes

Ao todo, dez (10) falantes nativos do PB aprendizes de italiano participaram do experimento:

Quadro 01. Participantes do experimento de produção

PARTICIPANTE	SEXO	IDADE	NÍVEL (L2)
F01	Masculino	32	C2
F02	Masculino	31	A2
F03	Masculino	27	B1
F04	Feminino	34	A2
F05	Feminino	27	A1
F06	Feminino	26	A2
F07	Feminino	21	C1
F08	Feminino	32	A2
F09	Masculino	58	B2
F10	Feminino	21	B2

Todos os participantes aceitaram participar do experimento, tendo sido assegurado a eles o anonimato, bem como a possibilidade de desistirem de participar a qualquer momento. Eles foram recrutados a partir de cursos de línguas e cursos superiores, considerando o nível de proficiência (indo do inicial ao avançado) aferido por certificados e tempo de estudo acerca da língua italiana.

### 3.2 Design do experimento

A tarefa do experimento consistia na leitura de 24 (vinte e quatro) sentenças, sendo 12 (doze) escritas em italiano e 12 (doze) escritas em português. Cada sentença era composta por aproximadamente 12 palavras, com 20 sílabas cada frase:

Quadro 02. Sentenças em italiano para leitura

1. La ragazza <b>saltò</b> su e scappò via alla fine del film.
2. Paolo e Simone hanno dormito in un <b>hotel</b> la scorsa notte.
3. Mio padre la <b>salvò</b> mentre stava affogando.
4. Ho avuto una bella esperienza giocando a <b>calcio</b> con la mia famiglia ieri sera.
5. Andrea deve capire che le cose costano <b>soldi</b> , la vita non è una fragola.
6. Oggi non abbiamo <b>molto</b> da fare, ma domani dobbiamo comprare i biglietti.
7. So che la situazione è difficile, però sicuramente alla fine andrà tutto bene.
8. Pietro, perché fai così? Le cose non funzionano come vuoi.
9. Da bambina, io guardavo la TV tutti i giorni con mio fratello.
10. La professoressa di matematica ha parlato di tutti gli argomenti importanti.
11. Mi dispiace, ma purtroppo non parlo lo spagnolo.
12. Alle nove, uscirò con tutti i miei amici, perché oggi è un giorno speciale.

Quadro 03. Sentenças em português para leitura

1. No curso de engenharia <b>civil</b> , os alunos precisam de muita atenção.
2. Nunca se esqueça de verificar bem o <b>anzol</b> antes de tentar pescar.
3. Sempre que eu posso, como <b>pastel</b> com caldo de cana.
4. Você viu o <b>salto</b> que aquele atleta deu? Simplesmente magnífico.

5. O homem pode passar a ser <b>calvo</b> depois de certa idade.
6. As atrizes quase caíram do <b>palco</b> quando o público começou a aplaudir.
7. Ninguém conseguia informar aos alunos o horário em que a prova seria aplicada.
8. Os livros de Machado de Assis marcaram positivamente diversas gerações.
9. É sempre válido deixar claro que a conferência não tem horário definido para terminar.
10. A grande realidade é que todo mundo carrega uma razão para ficar acordado à noite.
11. A casa da Ayla é simplesmente a mais linda que eu já vi.
12. Quando eu era pequena, meu pai sempre me dizia: a vida muda de minuto a minuto.

O experimento foi realizado individualmente, por meio da plataforma Google Meet, em dia e horário acertado com cada participante. As palavras das sentenças nas quais o fenômeno ocorre foram criadas tendo a base de duas sílabas. Nos três primeiros exemplos, a palavra principal é oxítona e nos três seguintes, paróxitona. O mesmo padrão foi mantido para as duas línguas.

As leituras foram gravadas e as sentenças apareceram na mesma ordem em que estão apresentadas nas tabelas acima. Os dados coletados foram tabulados em uma tabela do Excel e, posteriormente, comparados, a partir das seguintes variáveis de análise:

(i) Variável dependente: realização da coda

- a. semivogal
- b. lateral

(ii) Variável explicativa

- a. nível de L2: esperava-se que quanto maior a proficiência em italiano do falante de PB, maior seria a ocorrência da lateral em coda nas sentenças em italiano. Isto apontaria para o fato

de que quanto maior o domínio de L2, menor transferência do português (L1) para o italiano (L2).

Assim, consoante os pressupostos teóricos dos MBU, quanto maior exposição a determinadas estruturas, maior impacto nas representações abstratas e, conseqüentemente, maior acomodação dos gestos articulatórios em direção de uma produção mais próxima da língua-alvo (L2). Por outro lado, esperava-se que as produções em português não fossem ser afetadas, razão pela qual era prevista uma realização categórica da semivogal para os textos em português.

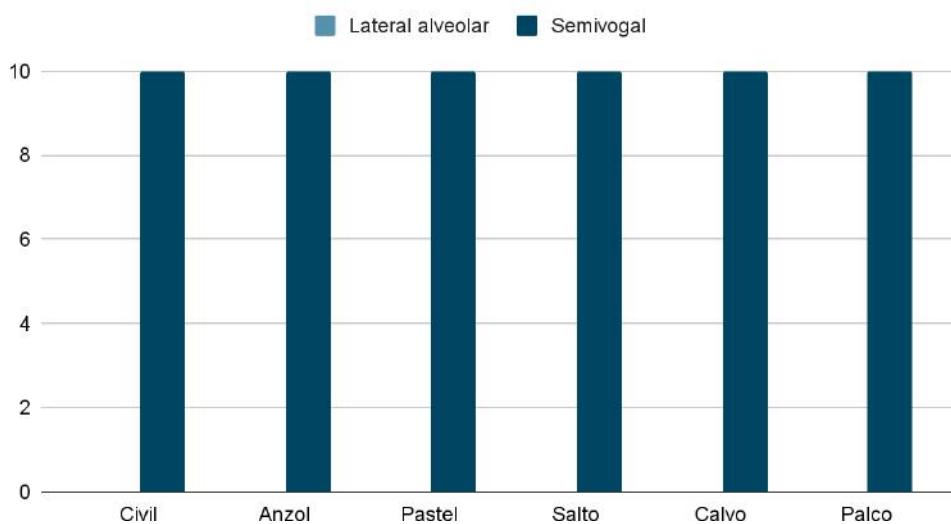
## 4. ANÁLISES

Conforme descrito no capítulo anterior, com a realização do experimento, o intuito era coletar as produções de falantes nativos do PB (L1) aprendizes do italiano (L2), com diferentes níveis de proficiência. A partir disso, buscou-se analisar como essas produções aconteciam e se havia, de fato, transferência do PB (L1) para o italiano (L2). Neste capítulo, serão apresentados e discutidos resultados obtidos.

### 4.1 Sentenças do PB

Conforme visto anteriormente, a realização da lateral em posição de coda em muitas variedades do PB acontece por meio de uma semivogal. Como esse é um processo de mudança já implementado na variedade do português carioca, esperava-se que, mesmo que os participantes lessem palavra com o *-l ortográfico*, a realização deste segmento seria como uma semivogal. Assim, analisando, primeiramente, a produção das sentenças em português (PB), o resultado obtido no experimento é o que se pode ver abaixo:

Experimento - Lateral em posição de coda



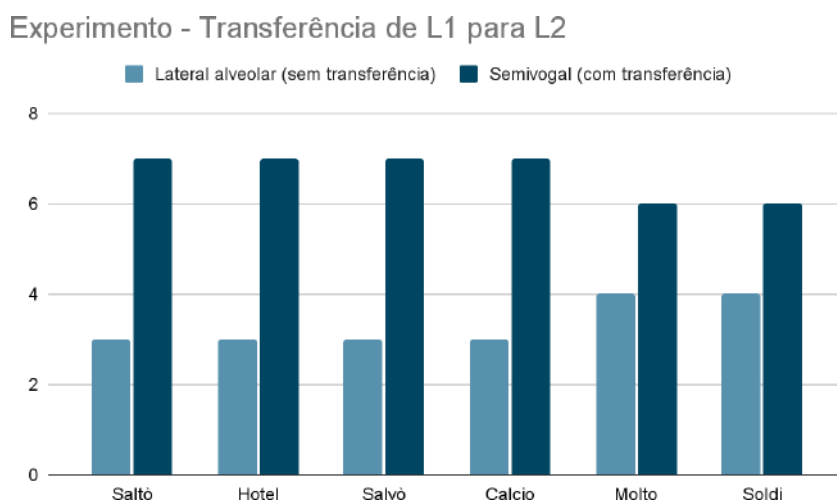
É possível notar, portanto, que absolutamente todos os participantes realizaram a produção da semivogal em todos os itens em que o *-l ortográfico* apareceu em posição de coda. Vale ressaltar que, a fim de explicitar que tal fato ocorreria independentemente de o *-l ortográfico* estar no meio ou no final da palavra, diferentes vocábulos foram escolhidos: os três primeiros, como se pode observar, apresentam o *-l ortográfico* em posição final, enquanto os demais têm o *-l ortográfico* no final da palavra. Junto a isso, é possível citar o fato de que as tonicidades são distintas: *civil*, *anzol* e *pastel* são oxítonas, ao passo que *salto*, *calvo* e *palco*

são paroxítonas. E, mesmo assim, a realização do *-l ortográfico* foi vocalizada de maneira categórica, independentemente de qualquer fator estrutural.

O ponto interessante aqui não foi constatar que as palavras com *-l ortográfico* seriam lidas com um ditongo (semivogal), essa era apenas a primeira etapa da pesquisa; o grande ponto em questão, na verdade, é se há, a partir dessa produção já categórica em português de uma semivogal em palavras que são escritas com o *-l ortográfico*, uma transferência para a língua italiana em momentos de leitura e exposição à língua por parte desses estudantes.

## 4.2 Sentenças do Italiano

A fim de proporcionar um melhor entendimento acerca da análise das sentenças em italiano, vejamos o gráfico abaixo que traz os resultados obtidos no nosso experimento:



Ao longo das análises de cada gravação, foi possível constatar que, nas três primeiras palavras, apenas três participantes produziram a lateral alveolar, isto é, sem transferência. Já nas duas últimas, cinco fizeram essa realização. É possível perceber, então, que ocorre um melhor desempenho em alguns casos por causa da familiaridade que os participantes têm com os vocábulos. Isto é, para além de diversos outros fatores, o nível de familiaridade influenciou diretamente, uma vez que os alunos se sentem, naturalmente, mais seguros para produzir aquilo que já ouviram e conhecem (como em *molto* e *soldi*, por exemplo).

Indo de encontro a essa ideia, foi possível notar também que os alunos que estavam há muito tempo sem contato com a língua italiana (ainda que, em tese, estejam em um nível

intermediário), tiveram muita dificuldade para produzir palavras com o *-l ortográfico* como uma lateral alveolar. Em outras palavras, a possibilidade de familiaridade se confirma aqui também, visto que esses alunos, por razões diversas, não estão mais em contato direto com o idioma. Além disso, foi possível notar que os únicos que produziram o *-l ortográfico* como uma lateral alveolar estão em contato com a língua há muitos anos e, para além disso, o fazem de forma contínua.

Portanto, a partir do experimento, foi possível perceber que há uma relação bem clara no que diz respeito à familiaridade e reprodução. Os alunos que aprenderam aqueles termos italianos, mas estão há muito tempo sem serem expostos a eles, não conseguem realizar os sons de acordo com o esperado. No entanto, aqueles que estão em contato frequente não apresentam dificuldade alguma em suas produções. Sem familiaridade e uso contínuo, a transferência linguística de L1 (português brasileiro) para L2 (italiano) ocorre.

Assim, relacionando os resultados preliminares do estudo piloto apresentado com os pressupostos teóricos assumidos para essa pesquisa (Modelos de Exemplos), é possível argumentar que uma maior exposição à língua alvo (L2), além de outros fatores relacionados à experiência dos aprendizes (familiaridade, identificação com a língua, entre outros) podem afetar as produções dos sujeitos. Experimentos futuros podem se somar aos resultados aqui reportados, a fim de trazer maior clareza às hipóteses aventadas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme exposto, este trabalho buscou apresentar uma análise acerca da possibilidade de transferências da língua materna (L1) para a língua estrangeira (L2), no que diz respeito à realização da consoante lateral em posição de coda por falantes nativos do português brasileiro (PB) que estão aprendendo italiano.

Através das análises realizadas, foi possível constatar que os aprendizes de italiano que estão no nível C1 ou C2 e que têm contato frequente com a língua não realizaram a vocalização da lateral em coda, isto é, não apresentaram transferência de L1 para L2. Outra constatação possível foi a de que os aprendizes de italiano que têm, atualmente, um alto nível de familiaridade com a língua se saíram um pouco melhor com relação àqueles que não têm, mas, ainda assim, produziram na maior parte dos casos a semivogal no lugar da lateral. Houve, ainda, aqueles que, em absolutamente todas as sentenças, realizaram a transferência e não produziram a lateral alveolar em nenhum dos casos.

Portanto, foi confirmada a hipótese: a depender do nível de proficiência e exposição frequente à L2, os aprendizes de italiano, de fato, reproduzem o padrão esperado para o PB, isto é, realizam a transferência de L1 para L2, realizando a vocalização da lateral em coda.

Além disso, vale ressaltar que a relação de familiaridade com os termos em italiano utilizados também influenciou diretamente nos resultados, uma vez que os falantes nativos de português brasileiro (PB) se sentem mais confiantes e confortáveis produzindo termos que já conhecem e, como consequência disso, é possível notar a produção da lateral alveolar nesses casos.

Face aos resultados obtidos e tendo em vista os pressupostos teóricos assumidos, é possível argumentar que a experiência do falante com a sua língua nativa (L1) interfere na produção de L2. É possível argumentar ainda que diferentes dimensões da experiência do falante (proficiência, identificação com a L2, familiaridade) também afetam as produções do falante com a L2. Experimentos futuros como o que foi realizado para essa pesquisa podem ajudar a avançar nessas conclusões.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZAMBUJA, Cintia Victória. **Estudo da vocalização da lateral em posição de coda na região de Antônio Prado**. Dissertação (Mestrado em Letras- Estudos da Linguagem)- Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Letras e Artes, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2017.

BATISTTI, Elisa & MORAS Viviane Tebaldi; **A vocalização da consoante lateral em coda silábica em uma variedade de português brasileiro: análise sociolinguística em tempo real**. Gragoatá, Niterói, n. 40, p. 90-112, 1. sem. 2017

BLADON, R. A. W. & CARBONARO, E. (1978). Lateral consonants in Italian. **Journal of Italian Linguistics** 3, 43–55.

CALVET, L. Sociolinguística: uma introdução crítica. Trad. de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

CAMARA JR., J. Mattoso. **Dicionário de Linguística e Gramática**. Livro em Português (Brasil). Editora: Vozes. Ano: 1977.

COELHO, Izete Lehmkuhl [et al.] Sociolinguística. – Florianópolis : LLV/CCE/UFSC, 2010.

COELHO, Izete Lehmkuhl [et al.] Para conhecer sociolinguística – Florianópolis, 2015.

CRISTÓFARO-SILVA, T.; GOMES, C. A.. Fonologia na perspectiva dos Modelos de Exemplares. In: GOMES, C. A. (org.). **Fonologia na Perspectiva dos Modelos de Exemplares: para além [...]**. São Paulo: Contexto, 2020.

LABOV, William [et al.] Journal of Sociolinguistics 15/4 – USA, 431–463 Blackwell Publishing Ltd. 2011.

LABOV, William. Padrões sociolingüísticos. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1ª ed.: Sociolinguistic patterns. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972].

LEITE, Y. F.; CALLOU, D. M. I.; MORAES, J. A.. O /l/ em posição de coda silábica: confrontando variedades. In: **XXII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística**, Lisboa: APL, 2007. p. 423-430.

MARCHAL, Alain; REIS, César. **Produção da fala**. Editora UFMG; 1ª edição (1 janeiro 2012).

SOUZA, Hannah Kivistö-de; **Phonological Awareness and Pronunciation in a Second Language**. Doctoral Program in Applied Linguistics Department of English and German Studies University of Barcelona (2015).

Treccani. (s.d.). *Enciclopedia Italiana di Scienze, Lettere ed Arti*. Vocabolario Treccani.

